

Direção como missão: concepções cênicas de Alberto D`Aversa e Antunes Filho sobre a dramaturgia de Jorge Andrade

Luiz Humberto M. Arantes
Programa de Pós-Graduação em Artes/UFU/FAPEMIG

A *Pedreira* de D`Aversa

A história do teatro tem apresentado, desde o século XIX e a primeira metade do século XX, momentos de existência de longos equilíbrios e tensões criativas entre autores e diretores, tanto que até meados da década de 1950 tem sido possível falar numa primazia do 'textocentrismo' e, após isso, numa presença maior da figura do encenador, principalmente no teatro brasileiro (ROUBINE, 1998). Um importante texto teatral que pode ser visto como exemplo dessas mudanças no teatro brasileiro é *Pedreira das Almas*, de Jorge Andrade, dirigida em 1958, por Alberto D`Aversa, no TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), de São Paulo.

Nessa peça, o dramaturgo Jorge Andrade articula uma tripla temporalidade, visto que é escrita no final de década de 1950, mas possui um enredo que remete à Revolta Liberal de 1842. No entanto, ela é publicada, ao lado do conjunto da obra, em 1970, quando o país atravessava os momentos mais truculentos da ditadura militar.

Esse texto de Jorge Andrade foi levado à cena pela primeira vez em 1958, tendo como diretor Alberto D`Aversa. Nascido em 1920, em Casarano Itália, D`Aversa faleceu em São Paulo, em 1969. Na Europa, na década de 1940, durante a Guerra, estudou direção teatral e, depois, ao excursionar pela América do Sul, conheceu Argentina e Brasil, onde permaneceu e desenvolveu as atividades de professor e crítico teatral.

No longo estudo que Alberto Guzik fez das atividades do TBC na década de 1950 dedica um considerável número de páginas aos trabalhos artísticos de D`Aversa naquela casa de espetáculos, no entanto, não deixa de ser curioso o título: 'sob o signo da crise' (GUZIK, 1986, p. 168). Parece ser mesmo este o clima que rondava o TBC do final daquele contexto, como também a recepção ao espetáculo que resultava da soma de esforços de um dramaturgo já consolidado - Jorge Andrade - e de um diretor que ambicionava maior reconhecimento.

A parceria Jorge Andrade/D`Aversa foi um encontro que, como tantos outros do período, marcou a parceria entre um autor brasileiro e um diretor estrangeiro radicado no Brasil, o qual, por sua vez traz um olhar singular sobre o exercício de criação teatral entre o texto e o olhar da direção. Acompanhar a parceria Jorge/D`Aversa é notar o fortalecimento de uma leitura que já sinaliza a diferenciação e dissociação entre autonomia da escrita literária, por um lado e, por outro, o específico lugar da escrita cênica. Há, portanto, um texto visual, gestual e sonoro,

que inclui o diretor como organizador do que se vê em cena, ou seja, uma já se percebe uma outra concepção de autoria, agora da cena contingente e efêmera.

No processo de criação de *Pedreira*, foi esta a noção de texto que norteou D`Aversa, isto é, a dramaturgia como ponto de partida, mas ressalta que o diálogo existente entre texto dramático e texto cênico não impede a independência da cena em relação à textualidade.

A partir do processo de criação de *Pedreira*, o diretor Alberto D`Aversa localiza-se e situa o contexto entre autor e diretor estabelecendo um pacto criativo, qual seja: a América Latina, lugar por excelência em que ainda se pode pensar um teatro e uma literatura como problemas de linguagem. O diretor localiza no dramaturgo um homem de teatro que insere sua obra num movimento intertextual, neste caminho associa *Pedreira* às obras com *Cidade Assassinada*, de Antonio Callado e *Café*, de Mário de Andrade.

A parceria entre diretor e autor não retira a idéia de que os princípios da encenação no Brasil já estavam sendo formulados, tanto que a cena é pensada na sua perspectiva autoral. Além disso, a presença do público é considerada na sua potencialidade e polissemia.

No caso aqui estudado, a *Pedreira*, escrita por Jorge Andrade e dirigida por Alberto D`Aversa, possui algumas peculiaridades: primeiro, porque marca a entrada de Jorge Andrade no TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), portanto, maior abertura para textos nacionais na tradicional casa de espetáculos que fez um repertório ancorado na montagem, principalmente, de textos estrangeiros; e, segundo, D`Aversa e sua concepção de teatro, literatura, cena e público parecem inserir o texto de Jorge Andrade num teatro produzido, antes de tudo, com preocupações de linguagem. O que o aproxima das mais recentes discussões acerca da implantação do conceito de encenação no teatro brasileiro.

A Vereda da Salvação de Antunes Filho

Iniciado em 1957 e concluído em 1963, o texto *Vereda da Salvação* retrata ficionalmente a radicalidade religiosa dos membros da Igreja Adventista da Promessa, que, em êxtase pelo ardor religioso da Semana Santa, mataram quatro crianças que estariam sendo 'assediadas pelo diabo'. Divididos entre os personagens Joaquim e Manoel, os camponeses vão aos poucos sendo seduzidos pelo fanatismo do jovem Joaquim. Este, já cansado da exploração dos proprietários de terra, acredita que a salvação está na subida ao céu.

O ponto de partida, aqui, é a peça de Jorge Andrade, mas, após 1963, quando da conclusão da escrita do texto, iniciou-se o processo de criação da cena, que mobilizou outros sujeitos. Nesse sentido, outras vozes – diretor, atores, críticos - começaram a agir sobre o texto e, ao fazerem isto, também deixaram seus depoimentos.

Os argumentos do diretor Antunes Filho parecem contrastar com autor e crítica, haja visto que reconhecem a ligação do texto com o ‘condicionamento social’, mas desejam não falar apenas em ‘âmbito nacional’, o que permitiria estar ‘gravitando em torno de grandes conceitos’, fugindo do ‘caráter regional’ e ‘nacional’ intrínseco ao texto. A fala de Antunes pode ser vista de dois modos: num primeiro momento, é o diagnóstico de alguém que quer desprender-se do texto de dramaturgo e imprimir o texto cênico, garantir um lugar para seu trabalho autoral; segundo, diante do contexto de golpe militar e censura da peça, as palavras do diretor paulista chamam a atenção para a inexistente relação entre realidade nacional e universo ficcional.

Na história do teatro brasileiro, tem sido comum expressões tais como: *Vestido de Noiva* de Ziembinski, *O Rei da Vela* de José Celso Martinez Corrêa, e *Macunaíma*, de Antunes Filho. Mas cabe lembrar que tais falas referem-se exatamente às encenações e não aos textos, já que seus autores são respectivamente: Nelson Rodrigues, Oswald de Andrade e Mário de Andrade.

Jorge Andrade escreveu vários outros textos, que receberam numerosas encenações de diversos diretores com suas específicas concepções. O diretor paulista Antunes Filho é uma figura que sempre demonstrou afinidades com os textos de Jorge Andrade. Exemplo disso é a montagem, ainda no TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), de 1963, do texto *Vereda da Salvação* e a retomada deste mesmo em 1994, momento de lembrança dos dez anos de morte do dramaturgo.

Ao relatar as encenações, os críticos sempre privilegiam o que chamam de obras-primas do diretor, seguindo seu argumento, destaca as encenações que estabeleceram momentos de ruptura na cena brasileira. Exemplo disso é o destaque que, geralmente, concede-se ao espetáculo encenado inspirado no texto *Vereda da Salvação*, de Jorge Andrade, em 1963. Trabalho em que Antunes, no seu processo de criação, levou às últimas conseqüências, no Brasil, o método de interpretação proposto pelo russo Constantin Stanislavsky.

Em breves considerações, é perceptível que o processo de *Vereda* de 1963 marca um importante momento para a relação diretor/atores no teatro brasileiro. É o instante em que se começa a reforçar a idéia de que o diretor é o principal mediador entre texto dramático e texto cênico. Daí a relação com os atores - às vezes entendida pela crítica e pelo meio teatral

como arbitrária - ser justificada com a idéia de que existe um método e que o encenador é o portador por excelência das soluções cênicas e da explicação acerca do processo de criação.

Mas, na *Vereda* de 1963, é possível que esse longo processo de autonomia do encenador não esteja de todo realizado. Exemplo disso é a presença do dramaturgo no processo de criação. Como um vigilante do estatuto da fidelidade ao texto, Jorge Andrade, tempos depois, declararia que: *agrada-me totalmente seu trabalho como direção, dedicação e exegese do texto, conhecimento em profundidade do tema, identificação com os meus sentimentos (...)*. (ASSOCIAÇÃO Museu Lasar Segall, 1981: 60).

Outra importante ressalva sobre a *Vereda* de 1963 é no que se refere ao projeto de cenografia pensado e realizado. Para os atores e críticos, não foi resolvida a tensão entre um 'novo ator' que se construía e o cenário necessário a este 'novo intérprete'. Segundo Raul Cortez: *o cenário era totalmente oposto à idéia, à concepção da peça. Mostrou-se preso a um realismo bobo, quando a nossa encenação era mais para o mágico, mais para o lúdico, do que qualquer coisa realista ou naturalista*.

No âmbito da crítica, há também um descompasso, pois se exigem da cena e do encenador a fidelidade ao texto. Os parâmetros dos críticos estão, assim, ainda ancorados numa visão textocêntrica de teatro, portanto, desatentos para um dado novo, que, já em *Vereda da Salvação* de 1963, começava a ser semeado: a idéia de que o encenador é o mediador na relação texto dramático/texto cênico. Tal exercício nem sempre tem o texto como ponto de partida, mas, sim, antes de tudo, o diretor como organizador do espetáculo e que o faz como expressão de suas idéias.

Estes dois diretores - D'Aversa e Antunes – e suas respectivas montagens a partir da obra de Jorge Andrade são vozes de um momento do teatro brasileiro, no qual a figura do diretor/encenador começava a prevalecer sobre outras formas de poder e de organização do fazer teatral; e que alcançaria seu auge nas décadas de 1980 e início da década de 1990, quando o esgotamento da fórmula ocorreu, principalmente em virtude das fortes críticas ao estilo 'diretor tirano'.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, J. 'Pedreira das Almas'. In: *Marta, a Árvore e o Relógio*. São Paulo: Perspectiva, 1970, p. 71-116.

D'AVERSA, A. Pedreira das Almas. In: *Prisma*. São Paulo, s/n, 1958.

DORT, B. *O Teatro e sua Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1977. 410p.

GUZIK, A. *TBC: Crônica de um sonho*. São Paulo, Perspectiva, 1986, 233p.

MAGALDI, S. *Panorama do Teatro Brasileiro*. São Paulo: Global Editora, 1997, 217p.

MERCADO NETO, A. *A Crítica teatral de Alberto D'Aversa no Diário de São Paulo*. 1979. 2 v. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

MERCADO NETO, A. *Appunti per um breviário de estética e per il teatro come arte dell spettacolo*. (um manuscrito inédito de Alberto D'Aversa). São Paulo: Biblioteca da ECA/USP, 1979, 29 p. datilografadas.

PRADO, D. A. *Teatro em Progresso - crítica teatral (1955-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 112-114.

RIDENTI, M. *Em Busca do povo Brasileiro - artistas da revolução, do CPC à era da TV*. São Paulo: Record, 2000.

ROUBINE, J.J. *A linguagem da encenação teatral*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.